

ciplinariedad que alberga la obra puede ser entendida, en ocasiones, como una desventaja, creemos firmemente que en este caso la enriquece. Hay un hilo conductor claro que es la reivindicación de los estudios ibéricos desde distintas perspectivas y metodologías. *Iberian Studies: Reflections Across Borders and Disciplines* constata la riqueza de establecer vínculos entre distintos ángulos de un mismo prisma, como es el de los estudios ibéricos, para progresar y asentar las bases de una disciplina ya consolidada, pero a la que aún hace falta atender desde una visión mucho más integradora y horizontal. Tanto las coordinadoras del volumen como los autores tratan de dar luz con bastante solvencia a todas estas cuestiones.

Guadalupe Nieto Caballero

<https://orcid.org/0000-0001-5166-7057>

https://doi.org/10.14195/2183-847X_11_28

**PERSPETIVAS CRÍTICAS SOBRE
OS ESTUDOS IBÉRICOS**

**CRISTINA MARTÍNEZ TEJERO
E SANTIAGO PÉREZ ISASI (EDS.)**

**Veneza: Edizioni Ca'Foscari [Biblioteca di
Rassegna iberistica], 2019
317 páginas. ISBN 9788869693243**

Com origem no colóquio internacional *Os estudos ibéricos a partir da periferia. Desafios epistemológicos e novos olhares nos estudos galegos, bascos e catalães* (Universidade de Lisboa, 8-9 de março de 2018) e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, *Pers-*

petivas críticas sobre os estudos ibéricos traz treze estudos e uma introdução (em formato digital) que, segundo indicam os editores, Cristina Martínez Tejero (Universidade de Santiago de Compostela) e Santiago Pérez Isasi (Universidade de Lisboa), conformam uma abordagem em duas direções: a dos estudos ibéricos e a da análise dos casos catalão, basco e galego, de forma a “pensar a atualidade e pertinência do campo académico [dos] estudos ibéricos, bem como rever o estado das áreas de trabalho sobre os casos galego, catalão e basco” (p. 8).

O volume está organizado em quatro blocos temáticos: “Debates críticos”, que inclui as conferências plenárias do colóquio mencionado; “Estado, género, nação”, contendo abordagens centradas no estado e na nação ou no género; “Espaços, fronteiras mapas”, com três estudos diversos; e, por último, “Fluxos transnacionais”, onde, segundo os editores, se pretende “incidir na qualidade porosa do limite (pragmaticamente) fixado em torno da Península Ibérica” (p. 18). Encerram o volume as “Notas curriculares” dos autores dos trabalhos.

Abre o primeiro bloco o “Iberismos, comparatismos y estudios ibéricos ¿Por qué, desde dónde, cómo y para qué?” onde o seu autor, Arturo Casas (Universidade de Santiago de Compostela), problematiza várias dimensões dos chamados estudos ibéricos entendidos como área ainda não consolidada. O Professor compostelano chama a atenção para a “necesidad de

que los estudios ibéricos y sus promotores (también sus críticos, sin duda) objetiven y autoanalicen, reflexiva y sistemáticamente, el conjunto de sus propuestas, su propia lógica y su agencialidad” (p. 24); discute a polissemia do conceito *iberismo* ou de uma alegada “conciencia ibérica” e reivindica uma radical pluralidade para os objetos de estudo, também no plano biopolítico. Na ampla discussão proposta neste capítulo destacam-se igualmente a afirmação da sociologia como alicerce teórico-metodológico sólido e as questões relativas ao programa dos estudos ibéricos pois, segundo assegura, “llegan a veces a naturalizar la necesidad u operatividad de los mismos a partir de lógicas no siempre explícitas, de procedencia administrativo-académica, acuciadas por la necesidad del amparo que proporcionaría una red extensa y sólida de investigadores y docentes, o incitadas por la obsolescencia de modelos académicos y metodológicos supuestamente superados” (p. 26).

Em “La hipótesis del ovillo desmadejado. Caracterizar los estudios ibéricos desde lo insular”, Mercè Picornell (Universitat de les Illes Balears) propõe “repensar los estudios ibéricos con la forma metafórica del ovillo enredado, de círculos de diferentes diámetros y perímetros irregulares que provocan nudos a veces involuntarios e inicios o finales difíciles de identificar” (p. 64). M. Picornell debruça-se sobre as tensões entre as dimensões e noções de *peninsular*, *ibérico*, *regional* e, designa-

damente, *insular* (com especial atenção ao caso de Maiorca) ao passo que entende, com carácter geral e para o caso de estudos ibéricos defenderem um novo paradigma, “el centro de atención debería ser precisamente tanto el contacto productivo como ‘la diferencia’” (p. 83).

Fecha o primeiro bloco temático Joseba Gabilondo (Michigan State University), “Posimperialismo, estudios ibéricos y enfoques comparativo-sistémicos. Pornografía neoliberal española, terrorismo antropológico-turístico y oasis vasco”. Em diversificada análise, neste capítulo é negada a fundamentação teórica dos estudos ibéricos, o recurso a metodologias oriundas da sociologia (“*los estudios ibéricos tienen que ser posimperiales o no lo serán*”, p. 97) e questionam-se os seus resultados pois, segundo o A., “terminará legitimando al Estado y su razón, *la raison d'état* [...]—especialmente la del Estado español” (p. 91). A análise dos repertórios de produtos culturais concretos (*Patria*, *Ocho apellidos vascos* e *Trilogía del Bañan*), a problematização do, pelo A. assim ironicamente denominado, *The Basque Oasis Center* ou do conceito de *jarrotismo*, servem a J. Gabilondo para substantivar a falta de pertinência dos estudos ibéricos para o âmbito basco, literária e culturalmente considerado.

“El problema del Estado y la literatura” de Marcelo Topuzian (Universidad de Buenos Aires), primeiro capítulo do segundo bloco temático, coloca novamente em dúvida a viabilidade das

abordagens de base sociológica (particularmente, Dionýz Ďurišin e Itamar Even-Zohar) e, sobretudo, põe em destaque a noção de Estado no âmbito da literatura comparada, “más aún en el caso de los estudios ibéricos, que trabajan con literaturas que han guardado, a lo largo del tiempo, relaciones complejas, conflictivas y muy diversas con los distintos niveles, reparticiones e instituciones del Estado” (p. 127).

Leslie J. Harkema (Yale University), em “Haciéndonos minoritarixs Canon, género, traducción y una propuesta feminista para los estudios ibéricos”, chama a atenção para a escassa visibilidade dos estudos de género e de tradução no quadro dos estudos ibéricos; propõe uma abordagem com foco no *minoritário*: “Pensar desde lo minoritario, desde la des-identificación con respecto a los modelos dominantes –no solo de lo nacional sino también de lo masculino y de lo ‘original’– resulta imprescindible para el desarrollo continuado de los estudios ibéricos” (p. 149).

Por seu turno, Sandra Boto (Universidade do Algarve), “Os nacionalismos ibéricos nos estudos sobre o romanceiro tradicional”, debuxa as primeiras tentativas *românticas* acerca do romanceiro tradicional em articulação com os nacionalismos peninsulares. Com detalhe, a partir da análise de 12 antologias de romances, editadas ou com circulação no Estado espanhol entre 1971 e 2012, deteta a longa e intensa marca dos trabalhos de Menéndez Pidal e María Goyri apesar do conhecimento

construído em décadas posteriores e até a atualidade; de tal forma que o “o discurso sobre o romanceiro tradicional encontra-se ainda envenenado em pleno século XXI” (p. 170) em função das lógicas filiadas ao “castelhanocentrismo” e que, em certo sentido, supõe a problemática perpetuação, no entendimento da A., da “hegemonia e sentimento de superioridade castelhanas na cosmovisão pidalina acerca do romanceiro” (p. 171).

Sob o título, “Repensar els estudis catalans des de la teoria queer”, Antoni Maestre-Brotons (Universitat d’Alacant) questiona criticamente o quadro teórico e epistemológico de base filológica central no rumo dos estudos catalães atuais. Face este estado de coisas, e em linha com alegadas lógicas de abertura derivadas da globalização, no entendimento do A., a “catalanitat” deve diversificar-se, “ha de ser bastarda, mestissa, criolla, empeltada en múltiples subjectivitats, tot defugint la uniformització que l’Estat espanyol contemporani ha fomentat tradicionalment per marginar les llengües i cultures no castellanes (p. 194); para tal, o A. propõe o recurso aos estudos queer como um meio eficaz para a internacionalização e a *desmasculinização* da cultura catalã.

Isaac Lourido (Universidade da Corunha), com “O espaço literário ibérico na última década. Hipóteses para o estudo das fronteiras e das relações entre sistemas” (dedicado ao saudoso e uminhoto Professor Carlos Cunha),

abre o bloco temático “Espaços, fronteiras, mapas”. A partir de uma explicitação teórico-metodológica de carácter aplicado e recorrendo à noção de “relevância sistémica” (“um determinado produto, prática ou processo é sistemicamente relevante quando a sua análise nos serve para entender como está estruturado e como funciona globalmente o sistema [...] e para identificar tendências que informam sobre mudanças e persistências”, p. 206), I. Lourido aborda três casos específicos com foco relacional no campo literário galego: a literatura produzida por autores reintegracionistas, os vínculos entre associações de escritores em língua catalã, galega e basca e a projeção da poesia galega em função da mediação do sistema literário espanhol.

Fecham o terceiro bloco, “Cartografias do espaço cultural ibérico. Uma proposta de desenvolvimento digital”, de Santiago Pérez Isasi (Universidade de Lisboa) e Catarina Sequeira Rodrigues (Universidade de Lisboa) e “Identitats i polifonia literàries. Claus centrípets i centrífugues a la xarxa peninsular” de M. Ribera Llopis (Universidad Complutense de Madrid). No primeiro trabalho é apresentada a metodologia e os resultados provisórios do projeto *Mapa digital das relações literárias ibéricas (1870-1930)*; ancorado teórica e metodologicamente no *spatial turn*, no *digital turn* e no programa dos estudos ibéricos, o projeto tem por objetivo principal “mapear os pontos de intersecção” (p. 228) no quadro ibé-

rico. Por seu turno, Ribera Llopis propõe analisar a comunidade interliterária ibérica com base numa metáfora musical de forma a preencher lacunas que os estudos ibéricos não teriam abordado.

No último bloco temático, Esther Gimeno Ugalde (Universität Wien), “Los estudios ibéricos en la academia estadounidense. Diálogos, posibilidades y desafíos”, debruça-se sobre o estado dos estudos catalães, galegos e bascos no contexto académico dos EUA; face a “un hispanismo peninsular tradicional y hegemónico que, con demasiada frecuencia, ha sido ajeno a la pluralidad cultural y lingüística que caracteriza a la Península Ibérica” (p. 258) e em função de um alegado “giro ibérico”, a A. considera os estudos ibéricos como uma plataforma viável para visibilizar e internacionalizar os estudos catalães, galegos e bascos, designadamente no contexto académico em questão.

Em “Os modos de memória transnacionais e o estudo da novela galega da memória”, Diego Rivadulla Costa (Universidade da Corunha), com base teórico-metodológica nos Cultural Memory Studies e a partir de análise da produção literária galega em romance das últimas décadas, de temática vinculada à Guerra Civil espanhola, propõe um cruzamento entre os estudos de memória e os estudos ibéricos, lançando inclusive algumas linhas de pesquisa concretas.

Por último, Alfredo Martínez-Expósito (University of Melbourne), “La

imagen de España en el cine catalán posterior a 2012”, introduz conceitos da imagologia ou da diplomacia cultural para a análise da posição de “lo español” nos repertórios cinematográficos catalães, particularmente do realizador Ventura Pons. Segundo o A., para o tratamento da *matéria espanhola*, o cinema catalão tem recorrido sistematicamente a várias estratégias, nomeadamente a “extrañificación”, a “negativización”, a “alterización” e o “borrado”, sendo esta última a utilizada pelos “directores que optan por no reproducir la imagen de España extendida por el nacionalismo suelen evitar cualquier alusión al conflicto identitario” (p. 305).

De um ponto de vista mais valorativo e, em certo sentido, em diálogo com “Introdução. Estudos ibéricos e periferias: contributos para um debate”, capítulo introdutório dos editores, cabe destacar o teor mais teórico do volume proposto, mesmo nos vários capítulos com análises aplicadas. As reflexões e propostas nesta direção, para além de alargar as possibilidades de investigação, parecem traduzir uma certa ansiedade terminológica, epistemológica e até de *status* académico relativamente ao programa e agentes dos estudos ibéricos, assim como um salutar olhar crítico, auto-reflexivo por vezes, patente no próprio título do volume (*Perspectivas críticas...*). Esta linha de força, o teor crítico, enforma-se numa quase contínua interlocução com outros trabalhos deste campo de estudos (desig-

nadamente: *Bases metodológicas para unha historia comparada das literaturas da península Ibérica* [2004]; *Del hispanismo a los estudios ibéricos. Una propuesta federativa para el ámbito cultural* [2009]; *A Comparative History of Literatures in the Iberian Peninsula*, 2 vols. [2010 e 2016]; ou *Iberian Modalities: A Relational Approach to the Study of Culture in the Iberian Peninsula* [2013]). Por outro lado, é apreciável uma tendência para a secundarização, ou mesmo a problematização em vários capítulos, da noção de *iberismo*, recorrente ou até central em estudos sobre a mesma matéria há não muitos anos.

Em linha com a reflexão inicial de Martínez Tejero e Pérez Isasi acerca da inovação vs. o “paradigma historicista clássico” (p. 11) no âmbito dos estudos ibéricos, *Perspectivas críticas sobre os estudos ibéricos* seria exemplo do primeiro; i. e., de uma abertura a novas formas de pensar e analisar. Os trabalhos recolhidos, no entanto, não contribuem para uma resposta clara à questão colocada por Arturo Casas no seu capítulo: quais os objetos de estudo? Nem, convém apontar, à pertinente questão que introduzem os editores no que diz respeito à *confiabilidade* dos estudos na área ou, assunto sempre mais crítico no âmbito das Ciências Humanas (e Sociais), à *utilidade*; falta, poderia colocar-se, atenção, ao conhecimento construído, aos resultados. Da leitura dos trabalhos propostos sim parece transparente que os estudos ibéricos, apesar das numerosas (retóricas?) referências à sua basilar

dimensão cultural, enquadrar-se-iam dentro da literatura comparada, com centralidade, portanto, do fenómeno literário como objeto de estudo fundamental e desejado.

Alguns estudos concretos, particularmente os assinados por J. Gabilondo e I. Lourido, colocam relevantes questões em relação aos problemáticos processos de internacionalização dos sistemas literários (/culturais) galego e basco; do mesmo modo, levantam questões não menores acerca do real interesse dos agentes dos sistemas basco e catalão por filiar-se a programas (académicos, artísticos, etc.) de, digamos, natureza *ibérica*. Neste sentido, ganha força o entendimento de um quadro ibérico – porventura unânime no conjunto do volume – marcado pelo “peso da Espanha como estado-nação hegemónico na Península e as heranças e traumas [do] ‘projeto hispânico’” (p. 10), constituindo-se como um poderoso obstáculo para a adesão ao tal programa de orientação *ibérica*. Como indicam os editores, é “significativa a ausência de agentes sediados no espaço central do domínio catalão” entre os autores con-

templados neste volume. Não menos significativo é o facto de não constarem agentes distintamente vinculados ao domínio espanhol/castelhano.

Por fim, a nota contextual dos editores sobre o diferendo político entre o Estado espanhol e Catalunha (lembre-se o referendo sobre a constituição de uma República catalã a 1 de outubro de 2017), é largamente significativa, em função do conteúdo geral dos trabalhos assim como das várias menções explícitas (a eventual agenda político-ideológica dos estudos ibéricos, dos seus agentes, em linha com as reflexões de Arturo Casas no seu estudo, apresenta-se como assunto não menor). Também, talvez em menor medida, a referência de Martínez Tejero e Pérez Isasi à “histórica greve feminista no Estado espanhol” (a 8 de março de 2018) pode correlacionar-se com a expressiva invocação dos estudos de género que *Perspetivas críticas sobre os estudos ibéricos* acolhe.

Carlos Paços-Justo

<https://orcid.org/0000-0001-6172-3059>

https://doi.org/10.14195/2183-847X_11_29